



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

A IMPORTÂNCIA DOS SENTIMENTOS NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS .

LILIAN ALVES ARAUJO

BRASÍLIA - DF
NOVEMBRO/ 2006

LILIAN ALVES ARAUJO

**A IMPORTÂNCIA DOS SENTIMENTOS NO
ATENDIMENTO A CRIANÇAS.**

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso
de Psicologia do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília.
Prof(a) orientador(a): Izane
Nogueira de Menezes.

Brasília/DF, Novembro de 2006.

Este trabalho é dedicado a Deus, autor de minha vida, aos meus pais, que com esforço investiram no sucesso e na profissionalização de seus filhos e a meu noivo, Antônio Felipe, pelo incentivo com seus votos de confiança em minhas capacidades e pelo apóio realizado de maneira especial.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelas bênçãos derramadas sobre mim para que eu alcançasse a sabedoria necessária para o desempenho deste trabalho. Aos meus pais, pelo amor e dedicação e pelo incentivo para que eu crescesse. A Antônio Felipe, pela ajuda que dedica a mim desde que me conhece e que mais uma vez, me forneceu durante este trabalho. A minha supervisora Izane Menezes e aos meus demais professores, pelas explicações e conhecimentos proporcionados, que possibilitaram que os meus conhecimentos se aperfeiçoassem.

Sumário

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Sumário.....	iii
Resumo.....	v
Introdução.....	01
Fundamentação Teórica.....	03
1. Os eventos privados no Behaviorismo Radical em contraposição ao Mentalismo e ao Behaviorismo Metodológico.....	03
2. Os sentimentos no processo terapêutico e as formas de torná-lo manifesto.....	05
2.1 As contingências envolvidas na emissão de cada sentimento.....	05
2.2 As formas de expressar os sentimentos na terapia infantil.....	09
3. A dificuldade das crianças de expressarem seus sentimentos.....	11
3.1 A dificuldade em conceituar os sentimentos como resultado da aprendizagem fornecida pela comunidade verbal.....	11
3.2 A importância da comunidade verbal enquanto estimuladora do relato dos sentimentos.....	13
3.3 A visão negativa da comunidade verbal em relação à expressão de determinados sentimentos.....	14
3.4 A esquiva e outras maneiras utilizadas pelas crianças para não entrarem em contato com seus sentimentos.....	17
4. O brincar e as estratégias lúdicas utilizadas no processo terapêutico com crianças.....	17
4.1 O brincar enquanto atividade própria dos mamíferos.....	18
4.2 Os objetivos ao se utilizar as brincadeiras no atendimento infantil.....	18
4.3 Recursos lúdicos e estratégias lúdicas.....	19
5. Propostas de estratégias lúdicas para intervenção relacionada aos sentimentos.....	21
5.1 Estratégia lúdica 1: "Sentimentos - Da tristeza a alegria".....	22
5.2 Estratégia lúdica 2: "Os sentimentos em jogo".....	23
5.3 Considerações acerca das estratégias lúdicas.....	26
6. Os resultados obtidos ao se trabalhar com os sentimentos das crianças em psicoterapia.....	27
Considerações finais.....	31

Referências bibliográficas.....	33
Anexos.....	36
Anexo 1 – Tabuleiro do jogo: “Os sentimentos em jogo”.....	37
Anexo 2 – “Cartas dos sentimentos”.....	38
Anexo 3 – “Cartas das imitações”.....	39
Anexo 4 – “Cartas das caras e gestos”.....	40
Anexo 5 – “Cartas das prendas”.....	41
Anexo 6 – Roleta.....	42
Anexo 7 – As casas do tabuleiro do jogo “Os sentimentos em jogo”.....	43

Resumo

Nos consultórios, têm aumentado a procura por atendimento para as crianças em virtude dos sentimentos por elas vivenciados, acrescido à frequência considerável com que o terapeuta verifica a ocorrência destes encobertos em atendimento clínico. Essa crescente demanda justifica o interesse pelo tema dos sentimentos. Neste ponto, convém esclarecer que para o Behaviorismo Radical, os comportamentos encobertos são também objetos de estudo por serem de mesma natureza que as demais respostas. Baseado neste pressuposto, os sentimentos podem ser compreendidos a partir das variáveis ambientais das quais é função. A fim de compreendê-los, o terapeuta poderá estimular de diversas formas a expressão dos sentimentos por parte de seus clientes, visto que as crianças apresentam dificuldades diversas para relatarem sobre o que sentem, dificuldades que são aprendidas com a própria comunidade verbal. Essas dificuldades requerem a inserção, por parte do terapeuta, de estratégias lúdicas, enquanto um elemento facilitador para o processo terapêutico como um todo. Com o objetivo de ensinar as crianças a discriminarem seus sentimentos, bem como de estimulá-las à expressá-los, duas estratégias serão descritas. Os resultados possíveis do trabalho que tem por ênfase os sentimentos envolvem o autoconhecimento, a ampliação do repertório comportamental e a autonomia por parte da criança, o que explica o interesse dos terapeutas comportamentais pelos sentimentos dos clientes.

Palavras-chave: Sentimentos, comportamentos encobertos, estratégias lúdicas, atendimento infantil

Entre os indivíduos que fundamentam suas opiniões com base no senso comum, interesses e idéias diversas surgem entre eles quando o tema em discussão é sobre os sentimentos. No mundo científico, muitos debates se organizam em torno desse assunto. Na área da Psicologia, em especial na abordagem do Behaviorismo Radical, a dedicação aos sentimentos é justificada pelo fato de que os seres humanos são dotados da capacidade de sentir. As sensações corporais próprias dos sentimentos estão presentes no cotidiano das pessoas, sejam elas, adultos ou crianças, nas mais diversas situações.

Muitas vezes, são esses mesmos sentimentos que se tornam um motivo para que os indivíduos busquem terapia para si ou para seus filhos e demais parentes. Os estados transitórios ou não de medo, tristeza, vergonha, raiva, ansiedade, entre outros são sentimentos que acompanham, em certos casos, a queixa relatada pelo cliente ou por seus responsáveis (Meyer, 2001).

Outras vezes, mesmo que as queixas descritas não façam menção aos sentimentos, em algum momento do processo psicoterápico, o terapeuta se depara com questões importantes que envolvem os sentimentos do seu cliente (Delitti & Meyer, 1998). Se o atendimento é realizado com as crianças, os sentimentos delas também são percebidos durante a terapia.

Em virtude dessas questões é que este trabalho será dedicado a verificar a importância das intervenções relacionadas aos sentimentos no atendimento às crianças realizado pelo terapeuta. A abordagem que norteará esse trabalho é a analítico comportamental, com investigações do tipo: Qual a importância dos sentimentos nos atendimentos às crianças? Como os terapeutas comportamentais infantis poderão realizar intervenções que tenham por foco envolver os sentimentos das crianças? Quais os avanços para o processo terapêutico que podem ocorrer se intervenções relacionadas aos sentimentos forem utilizadas nos atendimentos realizados com essas crianças? Esse trabalho será elaborado a fim de responder a estas e a outras questões e para fornecer esclarecimentos sobre esse assunto.

Com este propósito, a tarefa aqui desenvolvida terá por objetivo geral discorrer sobre a importância dos comportamentos encobertos, especificadamente, dos sentimentos no contexto de atendimento psicológico infantil, sob a perspectiva do Behaviorismo Radical. Além de ter por objetivo apresentar duas estratégias lúdicas, descritas enquanto propostas de intervenções relacionadas aos sentimentos, a serem utilizadas no atendimento clínico.

Esses objetivos, por sua vez, se subdividem em questões que se referem a definir o que são os sentimentos, quais os tipos, como estão relacionados às contingências ambientais e quais são as formas de torná-los manifestos em consultório. Como o foco será o atendimento às crianças, verificar que tipo de dificuldade, que em sua maioria, elas apresentam para

expressar seus sentimentos, buscar conhecer como essas dificuldades são aprendidas e até mesmo, como são manifestas em consultório. Informações que serão subsidiadas por diversos autores, entre eles é possível citar, Skinner, 1991 e 1998; Baum, 1999; Sérgio e Andery, 2002 e Kohlenberg e Tsai, 1991.

Como um bom terapeuta não deve se prender apenas as dificuldades, mas sim, procurar formas de superá-las ou de lidar com elas, esse trabalho se dedicará, também a investigar como as estratégias lúdicas facilitam a expressão dos sentimentos e o processo terapêutico como um todo. E contará com as explicações advindas de Tunes & Tunes, 2001 e Moura & Azevedo, 2000. Ao mesmo tempo, buscará desenvolver ou sugerir maneiras para aplicar as estratégias lúdicas, a fim de realizar intervenções relacionadas aos sentimentos, conforme mencionado anteriormente. Por fim, será necessário discorrer sobre as possíveis vantagens das intervenções psicoterápicas relacionadas aos sentimentos para a autonomia e bem-estar das crianças, nos casos em que for relevante realizar esses tipos de procedimentos que visam os sentimentos do cliente.

Em virtude da demanda atual por atendimentos que ocorrem devido aos sentimentos vivenciados pelas crianças é que os estudos nesta área se tornam objeto de interesse na Psicologia. As formas de intervir em relação aos sentimentos, quando se realiza atendimentos às crianças, ainda são pouco divulgadas. Este aspecto torna significativo e necessário os estudos e trabalhos científicos nesta área, que se propõem a fornecer subsídios para a atuação dos terapeutas comportamentais infantis e buscam ampliar os conhecimentos neste campo de investigação. Esta é a proposta deste trabalho, é este o caminho que será percorrido pelo leitor, que tendo interesse pela área, se propuser a fazer a leitura das informações que serão descritas a seguir.

1. OS EVENTOS PRIVADOS NO BEHAVIORISMO RADICAL EM CONTRAPOSIÇÃO AO MENTALISMO E AO BEHAVIORISMO METODOLÓGICO.

No mundo científico e também fora dele, muitas questões surgem quando o assunto em discussão são os sentimentos, os pensamentos ou as cognições. Explicações de várias naturezas se manifestam em função desse tema e a visão que se tem acerca da subjetividade é diferente de acordo com a teoria utilizada. Assim, opiniões diversas podem ser citadas, como as que se fazem presentes nas concepções mentalistas, no Behaviorismo metodológico e no Behaviorismo radical.

No que diz respeito ao mentalismo, costuma-se evocar termos como a mente, a vontade, a personalidade, o ego, os impulsos, entre outros, para explicar a ocorrência dos comportamentos e mais especificadamente, eles são utilizados como fatores que causam determinados comportamentos (Baum, 1999). Portanto, a ênfase, segundo essa concepção, está relacionada ao papel dos fenômenos mentais na ocorrência das respostas.

Por outro lado, o Behaviorismo metodológico defende que os eventos mentais não podem ser utilizados a fim de se explicar a origem dos comportamentos e propõe a substituição desses eventos, pelo estudo que tem por foco as próprias respostas dos indivíduos. Segundo os adeptos dessa vertente, a Psicologia para se posicionar como ciência, deverá ter como objeto de estudo apenas os comportamentos que podem ser observados por dois ou mais indivíduos, já que dessa maneira pode se garantir a veracidade dos fatos (Skinner, 1991). Conforme esse pressuposto, os eventos ditos subjetivos não são passíveis de observação por mais de um sujeito e dessa forma, não poderiam ser estudados pela ciência, que se restringia ao “mundo compartilhado”, constituído pelos fenômenos objetivos (Baum, 1999, p.44).

Contudo, no Behaviorismo radical defendeu-se a possibilidade de inserir os sentimentos, os pensamentos, entre outros, como objeto de estudo da ciência, sem com isso utilizar os pressupostos do mentalismo, bem como, sem se apropriar da divisão entre objetivo e subjetivo (Tourinho, 2001). Segundo os behavioristas radicais, os sentimentos, pensamentos e cognições são comportamentos assim como os demais e são definidos como eventos privados pelo fato de ocorrerem “sob a pele do indivíduo” e possuírem um caráter de acesso limitado. No entanto, essa característica de acessibilidade não requer propriedades especiais que o tornem de natureza diferente dos demais comportamentos (Skinner, 1998).

Dessa maneira, o Behaviorismo radical discorda das posições mentalistas quando esta se utiliza de ficções mentais para explicar comportamentos, o que é feito a partir de inferências que são elaboradas a fim de determinar as causas de certas respostas. Um dos erros cometidos ao se pensar desta forma é que esse tipo de explicação inviabiliza a investigação científica, ao mesmo tempo em que desestimula a criatividade daquele que ouve (Baum, 1999). Quando por exemplo, se diz, “eu fiquei tentada a agir daquela forma” torna-se complicado para o ouvinte continuar a indagar sobre o assunto com vista a compreender o que aconteceu.

Ao se invocar entidades internas como causa de comportamentos cria-se uma explicação circular, onde um comportamento ocorre devido a uma crença, ao mesmo tempo em que a crença é aparentemente compreendida a partir deste mesmo comportamento. Com o intuito de esclarecer essa afirmação, pode-se pensar em uma senhora, cujo nome fictício é Márcia, que briga muito com seu marido e chega a agredi-lo fisicamente. A explicação mentalista para essa situação poderia ser a de que Márcia se comporta dessa maneira porque possui uma personalidade agressiva. No entanto, compreende-se que essa senhora possui uma personalidade agressiva devido ao fato de discutir com frequência com seu esposo e de chegar ao ponto de realizar uma agressão física em relação a ele. Um ciclo vicioso se forma a partir dessas afirmações, visto que é dito que Márcia possui personalidade agressiva porque ela agride fisicamente o marido e por agredir fisicamente o esposo, compreende-se que ela possui uma personalidade agressiva. O resultado desse ciclo é que além de não fornecer uma explicação aos comportamentos, ainda inclui-se um conceito que precisará ser também explicado, que neste caso é a personalidade agressiva.

Já no que se refere às objeções ao estudo dos eventos privados levantadas pelo Behaviorismo metodológico, justificado pela impossibilidade de serem observados por mais de um indivíduo, no Behaviorismo radical um esclarecimento é feito ao se afirmar que os sentimentos, pensamentos, entre outros, são comportamentos que podem se tornar manifestos, por exemplo, por meio do comportamento verbal. Esse tipo de comportamento será explicado em detalhes no próximo capítulo, onde serão descritas as formas de tornar manifesto os encobertos. É apropriado adiantar neste momento, que da mesma maneira como é possível utilizar um repertório verbal em relação aos comportamentos públicos, pode-se fazer o mesmo quanto aos privados (Skinner, 1998).

Convém acrescentar, que os eventos privados, por serem comportamentos, são adquiridos e se mantêm por processos de aprendizagem, assim como as demais respostas

(Delitti & Meyer, 1998). Dessa maneira, ao invés de se utilizar os encobertos como causas de comportamentos, o que se busca é “identificar e demonstrar as relações funcionais contidas nas contingências de reforçamento” (Guilhardi, 2004, p. 229). É necessário avaliar esses comportamentos levando em consideração o ambiente no qual se insere, pois é a partir do ambiente que será possível verificar as variáveis das quais o comportamento é função.

2. OS SENTIMENTOS NO PROCESSO TERAPÊUTICO E AS FORMAS DE TORNÁ-LO MANIFESTO.

Como mencionado anteriormente, os eventos privados são também objeto de estudo dos behavioristas radicais e os sentimentos constituem apenas um dos encobertos, feita esta ressalva, é relevante destacar que a ênfase deste trabalho será dada a esse tipo de evento privado. Para isso, convém esclarecer que sentimento “é um tipo de ação sensorial, assim como ver e ouvir” (Skinner, 1991, p. 14). Os sentimentos estão relacionados à condição corporal sentida pelo indivíduo, o que pode sofrer variações de acordo com o que é sentido. Assim, as condições sentidas no corpo são diferentes quando se está alegre ou triste, ansioso ou com medo, quando é sentido culpa ou frustração, entre outros.

2.1 AS CONTINGÊNCIAS ENVOLVIDAS NA EMISSÃO DE CADA SENTIMENTO.

Visto que os sentimentos são comportamentos de mesma natureza que as demais respostas é importante para o analista do comportamento conhecê-los em função de estímulos antecedentes e conseqüentes, ou seja, por meio da análise funcional que enfatiza as contingências envolvidas na sua ocorrência. A identificação das variáveis envolvidas nos comportamentos possibilita ao terapeuta compreender sobre a aquisição de respostas e como elas são mantidas no contexto de vida atual do cliente.

A análise funcional possibilita entender como os comportamentos aparentemente inapropriados, possuem, na realidade, uma função na vida do indivíduo e ocorrem de acordo com as conseqüências que a sua emissão produz no ambiente (Delitti, 2001). Essas características tornam a análise funcional “um dos instrumentos mais valiosos para a prática clínica, pois é a partir dela que é possível o levantamento correto dos dados necessários para o processo terapêutico” (Delitti, 2001, p. 36). Devido ao caráter

complexo de certos comportamentos, a análise funcional é realizada pelo terapeuta no início, meio e fim do processo psicoterápico.

Ao elaborar a análise funcional, o terapeuta poderá perceber que as variáveis ambientais envolvidas na emissão de um tipo de sentimento são diferentes, em relação às contingências envolvidas na ocorrência de outros sentimentos. O sentir confiança, por exemplo, pode ser entendido ao avaliar as atuações passadas de um indivíduo. Veja que na maioria das vezes, uma pessoa que se sente confiante, em determinado momento de sua vida, passou por situações nas quais a emissão de certos comportamentos, como os de realizar atividades, de participar de testes, ou de elaborar novos projetos, entre tantos outros, foram reforçados com um bom desempenho nestas atividades. Caso esse tipo de reforço aconteça com frequência estará relacionado à sensação de confiança que esse sujeito experimenta quando estimulado a comportar-se de forma semelhante em outras situações de sua vida (Meyer, 2001). O fato de ocorrer tais reforços aumenta a probabilidade de que tais respostas sejam novamente emitidas em situações semelhantes.

O sentir confiança pode ocorrer, por exemplo, com uma criança que, em geral é bem sucedida nas avaliações escolares que realiza e ao receber uma nova prova para ser respondida, a faz com tranquilidade e confiança, já que em outras situações também as realizou e obteve por consequência elogios da professora e dos pais pelo desempenho apresentado.

Por outro lado, a frustração é mais comum em situações nas quais há pouco reforçamento diante de determinados comportamentos. A frustração é um tipo de evento privado que os indivíduos sentem, a partir de experiências adquiridas em situações em que os comportamentos por eles emitidos são desprovidos de reforço ou quando o reforço ocorre por poucas vezes, o que pode gerar, inclusive, uma extinção para essas respostas.

O medo é caracterizado por ocorrer em situações que trazem ao mesmo tempo estímulos aversivos e reforçadores (Meyer, 2001). Esse sentimento pode ser exemplificado ao se pensar em um menino que possui diabetes e para o qual foi prescrita uma dieta que substitui doces por outros tipos de alimentos. Sabe-se ainda, que os pais desta criança estabelecem um controle rigoroso para que as orientações médicas sejam respeitadas e proíbem a criança de ingerir doces. Entretanto, esse alimento tem um valor altamente reforçador para essa criança, que além de achá-los saborosos está ainda em estado de privação, o que por sua vez, torna ainda mais acentuado o valor reforçador dos alimentos adocicados.

Então, na presença dos doces de uma festa de aniversário de um colega, o menino vivencia uma situação que lhe traz tanto estímulos aversivos quanto os reforçadores. O fato de gostar dos doces e de sentir vontade de comê-los poderia ser compreendido como um possível indicador de que a ingestão dos doces possibilitaria o alcance de uma consequência reforçadora para o comportamento de ingerí-los. Por outro lado, essa situação vem acompanhada de outro fato que é a bronca dos pais para com o filho, que costuma ocorrer após a ingestão do alimento especificado. A bronca por sua vez, é para ele uma consequência punitiva para esse mesmo comportamento, visto que diminui a frequência de seu comportamento de ingerir doces. Esses dois eventos em concomitância caracterizam o medo que pode ser vivenciado nestas situações.

Já em relação à ansiedade, ela pode ser experimentada quando o sujeito prevê a ocorrência de um evento aversivo, a partir da discriminação que faz em relação a estímulos do ambiente (Skinner, 1991). Este sentimento pode ser ilustrado ao se pensar em alguém que experimenta o sentimento de ansiedade enquanto espera pelo resultado de um concurso, no qual gostaria muito de ser aprovado, mas tem receio de que a pontuação por ele obtida, não seja suficiente para que se classifique no número de vagas disponíveis para determinado órgão público. O evento aversivo previsto neste caso é a reprovação no concurso, que é para ele provável considerando a nota que ele alcançou, em comparação com a nota mínima alcançada por outros indivíduos que foram aprovados neste tipo de concurso, mas em seleções anteriores. Sua nota em comparação às notas dos aprovados funciona como estímulo do ambiente que favorece a sua discriminação quanto ao possível resultado no concurso.

O sentimento de raiva por sua vez, ocorre em situações nas quais estímulos reforçadores são retirados de maneira abrupta, como em uma extinção súbita (Millenson, 1967). Este sentimento pode ser verificado ao se observar uma criança de, aproximadamente, quatro meses e que possui uma história de aprendizado na qual o chorar em determinados horários é reforçado pelo leite obtido por meio da amamentação fornecida pela mãe. No entanto, certo dia, a mãe precisou se ausentar e apesar de ter recolhido leite para o filho, ele não tomou já que a criança ainda não havia aprendido a mamar na mamadeira. Nesta situação, o choro, inicialmente, fraco tornou-se, posteriormente, forte e alto. A criança demonstrou muita irritação com o passar do tempo, o que foi possível perceber pela intensidade e permanência do choro, além de ficar com o rosto vermelho.

Quanto à esperança, em geral, está relacionada aos esquemas de reforçamento intermitentes, nos quais o reforço ocorre ocasionalmente e com isso, o comportamento se torna resistente à extinção (Skinner, 1974, citado em Meyer, 2001). Essa situação pode ser compreendida ao se presenciar uma criança que insere várias fichas numa máquina e que apenas de vez em quando recebe uma bola de gude, mas insiste em suas tentativas na esperança de que receba o reforço após inserir a próxima ficha. Muitos comportamentos podem ser verificados entre crianças e adultos, que são mantidos por esse tipo de reforçamento.

Ainda que tenha sido feito uma breve explanação das contingências envolvidas na ocorrência de determinados sentimentos, convém esclarecer, que não basta pronunciar nomes para eles, é necessário compreender o que é sentido no corpo, quando se diz estar sentindo algo, conforme definido acima. Afinal a compreensão das sensações corporais é que permitirá que se especifique o sentimento em questão naquele momento.

A importância de se compreender o que é sentido no corpo se justifica pelo fato de ser comum, no contexto terapêutico, que a queixa do cliente venha acompanhada de sentimentos diversos, como a tristeza, a raiva, o medo, a ansiedade, a frustração, a perda de confiança, a vergonha, entre outros. A procura pelo atendimento pode ser uma forma de buscar ajuda quando o cliente percebe ou seus pais observam, no caso da criança, a ocorrência freqüente ou prolongada de determinados sentimentos, em especial, os considerados ruins pela sociedade como será especificado posteriormente (Meyer, 2001).

Mesmo que a queixa inicial não seja relacionada aos sentimentos é provável que em alguma etapa do tratamento psicoterápico, o terapeuta ouça relatos sobre os encobertos (Delitti & Meyer, 1998). Por isso, a relevância de se levar em consideração os sentimentos, o que, aliás, foi tão bem pontuado na frase mencionada por Skinner (1991): “Como as pessoas se sentem é freqüentemente tão importante quanto o que elas fazem” (p.13). E sendo o sentir tão importante como os demais comportamentos, o terapeuta que busca realizar um bom atendimento precisará ficar atento para esse tema no contexto de atendimento clínico, ao mesmo tempo em que deverá buscar maneiras de trabalhar esse assunto com o cliente de acordo com as condições percebidas e as necessidades de cada caso em específico.

2.2 AS FORMAS DE EXPRESSAR OS SENTIMENTOS NA TERAPIA INFANTIL.

Com o intuito de realizar um bom trabalho no consultório, o terapeuta precisará auxiliar o cliente a discriminar os diversos sentimentos experimentados. Cabe ressaltar, que deste momento em diante os termos cliente e criança serão utilizados neste estudo como sinônimos.

Para que seja possível auxiliar a criança neste processo discriminativo, o terapeuta precisará, anteriormente, ter acesso aos comportamentos encobertos dela. O acesso aos sentimentos do cliente, depende, por sua vez, de que o indivíduo atendido em consultório torne manifesto o que até então é um evento privado. Skinner (1998) já mencionava essa possibilidade ao ressaltar que: “A linha entre o público e o privado não é fixa. A fronteira se altera com cada descoberta de técnicas para tornar públicos os eventos privados” (p. 309). Como o terapeuta não poderá ter acesso direto aos encobertos de seu cliente, será necessário recorrer aos comportamentos públicos, que poderão ser de diversos tipos, mesmo porque, o cliente utiliza de várias maneiras para se comunicar no contexto da terapia (Delitti & Meyer, 1998).

A comunicação pode ocorrer por meio do comportamento verbal relacionado aos encobertos. Neste ponto, convém esclarecer sobre em que consiste o comportamento verbal, que é um tipo de comportamento operante como tantos outros. Operante por assim dizer, por ser uma resposta, que ao ser emitida diante de determinado estímulo, opera sobre o ambiente de forma a ocasionar mudanças neste ambiente na qual ocorre. E no caso do comportamento verbal é possível afirmar que ao ser emitido, ele afeta o comportamento de outros indivíduos ou da própria pessoa que se comporta verbalmente, sendo que este último ocorre quando há, por exemplo, as auto-instruções ou os autocomandos (Sério & Andery, 2002).

Uma peculiaridade deste tipo de comportamento é que para ser considerado como verbal, torna-se necessário que haja um ouvinte para reforçar o comportamento do falante, já feito a ressalva de que o ouvinte pode ser a própria pessoa ou outro sujeito (Skinner, 1957, citado em Baum, 1999). Sendo assim, o comportamento verbal se mantém por meio dos reforços obtidos e o papel do ouvinte, neste caso, enquanto reforçador impede que a resposta já aprendida seja extinta (Baum, 1999). Mesmo antes da aprendizagem se realizar, a participação do ouvinte na emissão do comportamento verbal é tão significativa, ao ponto de ser possível afirmar que “sem os ouvintes, ou sem a comunidade verbal, o comportamento verbal não poderia ser adquirido” (Baum, 1999, p. 130).

No atendimento individual, quem poderá realizar o papel do ouvinte é o próprio terapeuta, por isso, este profissional deverá estimular o cliente a relatar sobre seus sentimentos, caso perceba esta necessidade. Esta estimulação pode ocorrer por meio de perguntas, pela introdução de determinados assuntos, ou mesmo propondo atividades diversas. Quando há estimulação, o repertório verbal que se refere aos eventos públicos pode ser estabelecido também em relação aos eventos privados (Skinner, 1998). É extremamente importante ressaltar, que sendo o relato verbal um tipo de comportamento verbal, ele sofre influência das contingências ambientais e está sujeito aos mesmos processos operacionais que incluem reforçamento, punição, extinção e discriminação (Sério & Andery, 2002).

O terapeuta, sendo conhecedor dessas variáveis, precisará criar condições facilitadoras durante o atendimento de forma a fornecer estímulos discriminativos para a ocorrência de determinados comportamentos verbais relacionados aos encobertos. A condição dita facilitadora é aquela que de certa forma é similar ao dia-a-dia do cliente e que por isso, possibilita evocar sentimentos que são comumente experimentados por esses indivíduos fora da terapia, para então serem objetos de intervenção psicoterápica (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Nos momentos apropriados, o terapeuta que tem em vista a emissão de relato verbal sobre os eventos privados, poderá também, reforçar o comportamento verbal de seu cliente quando esse mencionar sobre os seus sentimentos, ainda que o reforço ocorra com frequência intermitente. O reforçamento intermitente é justificado pelo fato de que o comportamento verbal “exige menos reforço para se manter do que para ser adquirido” (Baum, 1999, p.129).

No atendimento clínico, não é só por meio do relato verbal que o terapeuta tem acesso aos encobertos, já que o corpo tem diversas formas de se expressar. Assim é possível também conhecer as condições corporais relacionadas aos sentimentos ao se observar os respondentes que são eliciados, às vezes, dentro do próprio consultório, como por exemplo, a sudorese, “os rubores, choros e soluços de tristeza, risadas, expressões faciais primitivas, testas enrugadas ou narinas infladas, entre outros” (Kohlenberg & Tsai, 1991, p. 77 e 82). Esses são alguns dos respondentes que ao serem manifestos dão pistas ao terapeuta do que está acontecendo com o cliente, o que pode ser tomado como um ponto de partida para uma investigação mais aprofundada sobre os estímulos presentes ali e nos demais contextos de vida do cliente que de certa forma eliciam esses comportamentos.

Seja por meio dos operantes ou dos respondentes que ocorrem no ambiente de consultório, o terapeuta poderá conhecer os sentimentos de seus clientes, o que tornará possível a formulação de hipóteses em termos de análises funcionais. E se as hipóteses são confirmadas, ele poderá investir nas intervenções que considerar necessária.

3. A DIFICULDADE DAS CRIANÇAS DE EXPRESSAREM SEUS SENTIMENTOS.

No atendimento às crianças, o que se verifica, na maioria das vezes, é a dificuldade por elas apresentadas para expressarem os seus sentimentos. É comum perceber na prática clínica, que de forma geral, os indivíduos que comparecem ao consultório não sabem descrever com clareza o que sentem, mesmo porque, em muitos casos, o próprio sujeito não compreende muito bem o que está sentindo, em especial, as crianças.

A inabilidade para descrever o que sente com clareza, pode estar relacionada à dificuldade para dar nomes às sensações corporais experimentadas, ou seja, para nomear os sentimentos. Quando a criança diz ter sentido algo e usa um determinado nome que não corresponde ao sentimento vivenciado, a expressão por meio do relato verbal fica prejudicada, visto que o terapeuta não terá, num primeiro momento, informações que correspondem aos eventos privados de seu cliente.

3.1 A DIFICULDADE EM CONCEITUAR OS SENTIMENTOS COMO RESULTADO DA APRENDIZAGEM FORNECIDA PELA COMUNIDADE VERBAL.

A dificuldade para dar nomes aos sentimentos é facilmente explicada ao se verificar que a comunidade verbal, aqui compreendida pelos indivíduos que fazem parte da rede social da criança é que ensina o indivíduo a conceituar objetos, sensações, pessoas, entre outros. Nomear sentimentos não é uma tarefa tão fácil como nomear objetos. Os objetos a serem nomeados podem ser vistos diretamente, mas o mesmo não pode ser dito em relação aos sentimentos, que na maioria das vezes, são inferidos a partir de comportamentos públicos que frequentemente os acompanham (Skinner, 1998).

As inferências são utilizadas, porque os pais, importantes componentes da comunidade verbal, ao ensinarem às crianças os nomes dos sentimentos, não têm acesso preciso às informações sobre os eventos privados de seus filhos, como as próprias crianças que os sentem. Neste caso, eles se apropriam de determinados eventos públicos e supõem o que acontece com os filhos em termos de eventos privados. O passo seguinte é a

nomeação fornecida pelos pais para o evento privado e se a criança repete o nome mencionado, ainda ocorre o reforço para esse comportamento (Kohlenberg & Tsai, 1991). Se em uma criança é necessário fazer um curativo no machucado e ela chora ao ser submetida a esse procedimento, o adulto pode lhe dizer: “Está doendo meu filho?”. A partir desta e de outras situações semelhantes, a criança aprende a reconhecer que aquilo que sente naqueles momentos se chama dor.

O problema para esse tipo de conceituação ocorre quando o comportamento público não está correlacionado ao evento privado (Skinner, 1998). Esse fato acontece, por exemplo, quando uma criança começa a chorar após receber anestesia, para fazer uma extração de um dente e em função do choro da criança, o pai que a acompanha, relata, precipitadamente a partir desse fato, que a criança está com medo do médico. Entretanto, na realidade, ela pode estar incomodada com a sensação de dormência própria da anestesia e não necessariamente com medo. Se submetida a treinos deste tipo, ela poderá aprender que aquela sensação anestésica desagradável que sente é chamada de medo. Um conceito se formará sem que de fato ele corresponda ao que é sentido e confusões podem resultar dessa aprendizagem.

A conceituação dos eventos privados exige, portanto, uma discriminação apurada e muitas vezes, um treino discriminativo que não foi bem realizado pela comunidade verbal pode ser aperfeiçoado em consultório. O terapeuta poderá, em primeiro lugar, incentivar o cliente a relatar sensações corporais experimentadas para os diversos sentimentos, mas poderá partir do princípio de que “nem sempre falas sobre pensamentos ou sentimentos correspondem a fenômenos que envolvem eventos internos ou inacessíveis” (Tourinho, 2001, p.21). E feito o relato dos eventos privados, o terapeuta poderá auxiliar seu cliente na reformulação dos conceitos e das denominações fornecidas pelo cliente em relação a cada um dos sentimentos. Esse tipo de procedimento pode ser adotado em consultório, caso o terapeuta perceba que o relato acerca dos sentimentos não corresponde ao que é sentido.

Para a reformulação de conceitos, o terapeuta precisará, num primeiro momento, investigar o que a pessoa sente em seu corpo, para que só então, possa auxiliar o cliente a nomear os sentimentos que vivencia de maneira segura e eficaz. Um procedimento necessário que vai além da denominação dos sentimentos é buscar informações relacionadas ao que é sentido e dados que referem-se às variáveis envolvidas na emissão dos comportamentos encobertos. Se os eventos privados são investigados em conjunto com o cliente, a partir da inserção dos comportamentos nos contextos em que ocorrem,

será possível que o cliente compreenda as relações que as respostas possuem com o meio no qual é emitido, conforme será explicado de forma mais aprofundada numa etapa posterior deste trabalho.

A partir dessas considerações, pode-se compreender como a aprendizagem dos nomes tem efeitos sobre a expressão dos sentimentos, quando essa expressão ocorre por meio do relato verbal. No que se refere à fala sobre os encobertos, a dificuldade das crianças em emití-las frente às perguntas do terapeuta pode estar relacionada a vários outros fatores que não só os da denominação, citado anteriormente. Entre eles, o obstáculo para responder a respeito do que sente, pode ocorrer devido a uma condição oral ainda pouco desenvolvida em termos fisiológicos, o que se verifica, principalmente, com as crianças mais novas. Acontece também, destas crianças apresentarem um vocabulário ainda restrito a poucas palavras.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE VERBAL ENQUANTO ESTIMULADORA DO RELATO DOS SENTIMENTOS.

Mesmo que a criança já tenha superado essa fase inicial e conseqüentemente, essas restrições não façam mais parte de seu cotidiano, é comum que ela não responda com facilidade a algumas perguntas que o terapeuta lhe faz, em especial, as relacionadas aos eventos privados. Nestas situações, se limita ao silêncio ou ao “humrum” e mais uma vez é necessário voltar-se para a comunidade verbal para compreender como esse comportamento é aprendido. Quando uma criança vive em um meio no qual é constantemente indagada sobre o que sente ela aprende a expressar com facilidade os seus sentimentos.

Guilhardi (2002) explica que “quanto mais a comunidade verbal estimular a criança, mais rico será o comportamento verbal dela” (p. 95). É o que acontece com um menino ainda pequeno que se aproxima de um cachorro e tenta acariciá-lo, mas depois recua e em seguida olha para sua mãe e diz: “medo”. Se alguém ficar surpreso pelo fato da criança saber utilizar a palavra medo e perguntar para a mãe sobre o relato de seu filho, ela poderá explicar que costuma conversar muito com ele e que inclusive, pronuncia nomes de determinados sentimentos na presença do filho para ensiná-lo a denominá-los.

Por este relato é possível verificar, claramente, a estimulação realizada pela mãe para o comportamento verbal do filho em relação aos encobertos. Essa estimulação por parte dela e de outros indivíduos que formam a comunidade verbal dessa criança “geram a

estrutura conceitual e geram as palavras que se referem a estes conceitos” (de Rose, 1993, p.287). É por meio de modelagens que, ao longo da vida, os sujeitos adquirem novos conceitos, o que ocorre sobre a influência da comunidade verbal, que ensina as crianças na medida em que elas conhecem o seu mundo.

Convém mencionar, que nem sempre a comunidade verbal estimula tão bem suas crianças. Os próprios pais podem utilizar-se de punições ou extinções quando a criança expressa seus sentimentos, a fim de não serem perturbados ou de resolverem rapidamente determinada situação. Conclui-se a partir desse fato que “a expressão diminuída de sentimentos pode também resultar de repreensão em numerosos contextos”, (Kohlenberg & Tsai, 1991, p.84). A própria cultura, em diversos momentos, inviabiliza a expressão dos sentimentos e essa limitação pode afetar as relações dos indivíduos, em especial, as de caráter íntimo.

De maneira geral, a punição por parte dos adultos pode ocorrer de forma direta, por meio de broncas e agressões físicas ou até de forma mais discreta, mas que tem o mesmo efeito sobre o comportamento. Estas maneiras discretas tão usuais entre os adultos acontecem quando, por exemplo, se levanta as sobrancelhas, com o franzir da testa, entre outras expressões que depois de um tempo, são suficientes para que as crianças discriminem o seu significado.

Esses tipos de comportamentos por parte dos adultos ensinam as crianças a não expressarem seus sentimentos, ou de não se auto-observarem. Os resultados obtidos com essa forma de lidar com os sentimentos possibilitam a ocorrência de insatisfação naquele que de certa forma é impedido de se expressar, sem que a criança ou seus pais compreendam o motivo pelo qual se experimenta isso.

Além da punição, é notório observar que a criança, em geral, presencia dentro e fora de casa, adultos que não expressam o que sentem e este pode ser o modelo que elas têm para ser seguido. Nestes casos ocorrem aprendizagens por observação, nas quais as crianças aprendem a não expressarem seus sentimentos, já que observam que as pessoas ao seu redor não expressam o que sentem.

3.3 A VISÃO NEGATIVA DA COMUNIDADE VERBAL EM RELAÇÃO À EXPRESSÃO DE DETERMINADOS SENTIMENTOS.

Expressar sentimentos pode, por muitas vezes, ser visto pelos adultos como um sinal de fraqueza ou fragilidade (Meyer, 2001). Na sociedade atual, valoriza-se o uso da

razão em detrimento da emoção, num contexto em que as pessoas são ensinadas a não sentirem ou pelo menos a não demonstrarem alguns de seus comportamentos encobertos. O que fica claro ao analisar falas comuns ouvidas em diversas situações, como por exemplo: “Não fique triste” (em ocasiões em que as crianças têm motivos para sentirem-se tristes), “Não chore, a dor já passou” (quando ainda está doendo), “Não fique com raiva, deixe pra lá”, ou pior “não chore, pois homem que é homem, não chora. Você não vê o seu pai, ele não chora”. Nesta última fala além do menino ser encorajado a não chorar, ainda assim, ele é ensinado a aprender pela observação do repertório comportamental do pai, que não emite respostas de choro e, portanto, de expressão dos seus sentimentos.

Com base no que já foi descrito é possível compreender a influência da comunidade verbal na expressão dos sentimentos. Essa comunidade ensina também as crianças que existem sentimentos bons e ruins. O medo e a raiva são, em geral, considerados negativos pelos indivíduos por apresentarem sensações corporais consideradas desagradáveis, visto que ocorrem em função de reforçadores negativos ou pela suspensão de reforçadores positivos (Millenson, 1967). Os mais aceitos são os ditos “bons sentimentos”, que é o caso da alegria e do amor.

É significativo mencionar que cada comportamento encoberto é emitido em função de estímulos antecedentes e conseqüentes e como tal, sua ocorrência é, muitas vezes, necessária e importante à própria sobrevivência dos indivíduos. Sentir medo em situações de risco, por exemplo, deixa a pessoa mais preparada para reagir com mais rapidez e eficiência. A tristeza também é compreensível e deve ser respeitada em situações de perda de um ente querido. A importância de cada sentimento impede que a divisão entre os bons e os ruins seja mantida.

Por outro lado, a emissão de comportamentos encobertos requer intervenção, quando a ocorrência de tais respostas atinge uma frequência tão elevada a ponto de gerar prejuízo à própria criança ou aos que a cercam. A morte de um cachorro de estimação, por exemplo, pode ser vivenciada com tristeza, choro, indisposição para brincar e comer, entre outros. Todos esses comportamentos são saudáveis e naturais na situação de perda que a criança experimenta em sua vida, pela morte de seu querido animal. No entanto, a situação requer intervenção psicoterápica quando o sofrimento não é superado mesmo quando muitos meses já se passaram após a morte do cachorro. A frequência e a duração da manifestação de determinados sentimentos são fatores a serem averiguados antes mesmo de se posicionar quanto à necessidade ou não de intervenção em cada caso em particular.

São dados específicos como estes que tornam apropriado avaliar, em cada situação, a relevância em reforçar a emissão de determinados sentimentos, em detrimento de ensinar formas mais eficazes da criança se comportar em outras situações. Maneiras mais apropriadas de se comportar são treinadas em consultório, a fim de evitar que determinado comportamento gere prejuízo ao cliente, é o que acontece com a tristeza quando esta se estende por muito tempo.

Convém esclarecer também, que no caso da emissão dos sentimentos considerados ruins pela comunidade verbal, a dificuldade não advém, na maioria das vezes, de sentir raiva, por exemplo, mas sim dos comportamentos que se emite no momento em que se está com raiva. Neste ponto é apropriado destacar, que a ocorrência de determinado sentimento não vem acompanhado, necessariamente, de um comportamento público indesejável, o que depende de como cada pessoa reage em cada situação.

As crianças reagem de formas diferentes umas das outras quando estão, por exemplo, com raiva. Assim, uma delas sob sentimento de raiva pode bater sua própria cabeça contra a parede ao ponto de machucar-se, já outra ao sentir raiva pode resmungar pelos cantos da casa até que se acalme. Essas formas diferentes de agir sobre a influência de determinados sentimentos são aspectos a serem considerados pelo terapeuta antes de julgar a relevância de se estabelecer um procedimento de extinção ou de reforçamento para determinado comportamento. Para que a terapia seja eficaz é necessário compreender quais sentimentos são vivenciados, bem como as contingências ambientais envolvidas na emissão de cada sentimento.

As variáveis ambientais são relevantes, pois os sentimentos nada mais são do que “produtos colaterais das contingências de reforçamento” (Guilhardi, 2002, p. 69). Essa afirmação pode ser compreendida ao se pensar em uma criança que quebra um copo e que possui uma mãe pouco compreensiva (antecedentes), nisto, o comportamento de contar à mãe o que aconteceu vem acompanhado de bronca e puxão de orelha (consequência), o que poderá levar essa criança a sentir medo nesta situação. Por outro lado, se o copo é quebrado, mas a criança possui uma mãe compreensiva (antecedentes), o comportamento de contar o que aconteceu poderá vir acompanhado do perdão pelo copo quebrado (consequência) e o sentimento emitido pode ser o de tranquilidade. Ao se entender a importância dessas variáveis ambientais, fica mais fácil de entender a ocorrência dos sentimentos e de procurar modificá-los se constatado a necessidade de tal procedimento.

3.4 A ESQUIVA E OUTRAS MANEIRAS UTILIZADAS PELAS CRIANÇAS PARA NÃO ENTRAREM EM CONTATO COM SEUS SENTIMENTOS.

Outro aspecto a ser mencionado é que muitas vezes, com o intuito de evitar entrar em contato com determinados sentimentos que são acompanhados por sofrimento, a criança poderá desenvolver repertórios comportamentais de esquiva. Em consultório, a criança poderá evitar sentimentos como o medo, a culpa, a tristeza, a raiva, a vergonha, entre outros. Essa esquiva pode interferir na própria terapia e na vida do cliente como um todo, visto que o fato de evitar entrar em contato com eventos ou com sentimentos não possibilita a resolução de problemas (Kohlenberg & Tsai, 1991).

O terapeuta precisa ficar atento para perceber os sinais de que a criança atendida evita entrar em contato com seus sentimentos e assim ele deverá estimulá-la a retomar determinado assunto ou a expressar sentimentos dos quais se esquiva (Meyer, 2001). Com o intuito de facilitar a expressão, esse profissional pode ainda, explicar para a criança que ela pode ficar a vontade para falar sobre os sentimentos, porque a terapia é um local onde ela pode dizer o que quiser sem receio, pois tudo que for falado ali ficará apenas entre o terapeuta e a criança. Este conduta é uma maneira de resguardar a criança e de deixá-la à vontade a partir da compreensão do significado do sigilo profissional.

Também é necessário, “tentar diminuir a culpa ou vergonha por experimentar um sentimento que ela julgue ser errado” (Meyer, 2001, p. 187). Com base nestas explicações, fica claro que um dos papéis do terapeuta é permitir a expressão dos eventos internos e com isso, aumentar o contato da criança com os sentimentos, ao mesmo tempo em que diminui a esquiva em diversas situações (Kohlenberg & Tsai, 1991).

4. O BRINCAR E AS ESTRATÉGIAS LÚDICAS UTILIZADAS NO PROCESSO TERAPÊUTICO COM CRIANÇAS.

O terapeuta que realiza atendimentos as crianças verifica, em vários momentos no consultório, as dificuldades descritas anteriormente e neste ponto, torna-se necessário inserir atividades que diferenciarão o atendimento realizado com crianças em relação ao tipo de atendimento prestado ao adulto. Essas atividades reproduzirão na clínica algo que a maioria das crianças estão acostumadas a fazer fora do consultório e que tem um papel altamente reforçador para elas, que é o brincar.

4.1 O BRINCAR ENQUANTO ATIVIDADE PRÓPRIA DOS MAMÍFEROS.

Para entender a importância das brincadeiras no contexto infantil, convém destacar que atividades lúdicas são próprias dos mamíferos e que apenas essa espécie se envolve de forma significativa com o brincar. As explicações para esse fato perpassam alguns fatores, entre eles é possível mencionar, que os mamíferos nascem em condição de dependência acentuada se comparado aos outros tipos de animais. Nos primeiros anos de vida, as crianças possuem um sistema sensório-motor que ainda não está plenamente desenvolvido, o que as tornam dependentes dos adultos. Isso justifica a utilização das brincadeiras, visto que por meio delas, as crianças são estimuladas a desenvolverem suas capacidades (Tunes & Tunes, 2001), ou seja, seu repertório comportamental.

Acrescenta-se a essa explicação, o fato dos humanos serem animais sociais que convivem com outros indivíduos e quanto a isto, o brincar é relevante por facilitar a socialização, em especial, nas brincadeiras coletivas. Na interação com outros sujeitos, que ocorre durante essas atividades lúdicas, a criança “compreende o seu lugar no mundo e o seu papel no grupo” (Tunes & Tunes, 2001, p.79). Essas características esclarecem a importância do brincar na infância para o sucesso do indivíduo ao se tornar adulto (Tunes & Tunes, 2001).

4.2 OS OBJETIVOS AO SE UTILIZAR AS BRINCADEIRAS NO ATENDIMENTO INFANTIL.

Durante a brincadeira, a criança percebe melhor o mundo a sua volta e aos poucos, verifica a interação que ela estabelece com os indivíduos ao seu redor (Moura & Azevedo, 2000). No faz de conta, a criança também poderá reproduzir o seu cotidiano, ao emitir comportamentos que ocorre no ambiente familiar, escolar, entre outros, o que permite ao terapeuta conhecer mais sobre a criança, sobre o seu contexto de vida e ainda sobre os detalhes de seu ambiente social. Essa emissão de comportamentos é facilitada, visto que na brincadeira, a criança não está sob forte influência da censura, o que permite que ela expresse, inclusive, os seus sentimentos, sem sentir-se ameaçada ou culpada. Esse aspecto justifica a utilização do brincar como uma maneira de facilitar a expressão dos sentimentos por parte da criança, visto que a princípio é mais fácil para a ela expor o que a(o) boneca(o) sente do que demonstrar o sentimento vivenciado por ela.

O terapeuta, ao compreender a utilização de atividades lúdicas como um elemento que contribui para o processo terapêutico, faz uso desse instrumento nas diversas etapas do atendimento infantil. O lúdico pode ser utilizado, por exemplo, nas fases iniciais a fim de explicar em que consiste a psicoterapia, para favorecer a formação do vínculo e para possibilitar que se inicie a realização da análise funcional e conseqüentemente, a avaliação diagnóstica relacionada ao caso. Em etapas posteriores, são úteis para os momentos de intervenção, nos quais, o terapeuta comportamental infantil fará uso dos brinquedos para atuar sobre as respostas relacionadas à queixa, com o intuito de modificá-las. Já nas fases finais do tratamento, o uso dos recursos lúdicos poderá favorecer a compreensão da criança quanto ao momento da despedida da terapia e do terapeuta, além de possibilitar que o cliente verifique os avanços alcançados em processo terapêutico, que o levaram a receber alta (Moura & Azevedo, 2000).

Essas vantagens próprias da utilização de atividades lúdicas, combinadas as dificuldades por parte das crianças de relatarem o que sentem, levam o terapeuta comportamental infantil a fazer uso dos recursos lúdicos nos diversos atendimentos realizados.

4.3 RECURSOS LÚDICOS E ESTRATÉGIAS LÚDICAS.

Neste ponto, convém esclarecer em que consistem os recursos lúdicos, que são caracterizados pelos instrumentos, brinquedos ou objetos do mundo infantil que podem ser utilizados pelo terapeuta no trabalho com a criança. Nesta categoria, estão incluídos os livros infantis, os desenhos e histórias criadas pela própria criança, os materiais de artes, como massinha de modelar, tinta guache, os jogos de tabuleiro, os fantoches, as casas de bonecas, os carrinhos, entre tantos outros tantos brinquedos, ou mesmo objetos que se estiverem ao alcance das crianças são logo utilizados por elas para brincar.

Por outro lado, quando se faz uso desses recursos para alcançar determinados objetivos que estão diretamente relacionados à queixa clinicamente relevante, eles passam a ser denominados de estratégias lúdicas. Portanto, se o terapeuta escolhe determinada atividade ou mesmo a adapta para realizar um trabalho direcionado com a criança a fim de alcançar determinada meta terapêutica, então, a partir de um recurso lúdico ele terá uma estratégia lúdica.

Conte e Regra (2000), orientam quanto às diversas funções dos recursos lúdicos no processo terapêutico. Além dos já citados anteriormente, eles podem ser utilizados para

tornar o processo terapêutico prazeroso e aceito, em virtude da função reforçadora da brincadeira. Na própria atividade lúdica, o terapeuta poderá investigar o que é reforçador para aquele cliente. Essa informação será útil nos momentos de atendimento, nos quais o terapeuta fará uso deles para intervir em relação ao comportamento queixa apresentado pela criança.

Os recursos lúdicos permitem ainda, que o terapeuta avalie como está a sua relação com o cliente, já que a maneira como a criança se envolve com a brincadeira fornece pistas do quanto ela está à vontade nos atendimentos. Por meio das atividades lúdicas será possível também, avaliar o desenvolvimento da criança, ao mesmo tempo em que, novas habilidades serão desenvolvidas.

Durante situações simuladas em que se brinca de casinha, de médico ou quando se encena o ambiente escolar, entre outros, o terapeuta tem acesso a conceitos e auto-regras e a partir disso, poderá auxiliar a criança a reformulá-los, conforme a pertinência verificada, durante a própria brincadeira. Nestes momentos, será possível identificar as contingências ambientais relacionadas com a queixa, evocar reações emocionais relacionadas, bem como auxiliar na solução dos problemas da vida real. Essa solução, geralmente, se inicia pela resolução dos problemas dos bonecos e depois as respostas adaptativas que surgem são aplicadas ao contexto de vida da criança (Conte & Regra, 2000).

Com base nestas informações é possível perceber que mais do que a expressão de sentimentos, as estratégias podem permitir que intervenções sejam realizadas. Esse aspecto é ressaltado por Gadelha e Menezes (2004) ao destacarem a seguinte afirmação: “Brincar em terapia comportamental é um tipo de intervenção que procura estabelecer contingências necessárias para a construção de repertório básico que possibilite o desenvolvimento de um padrão de vida saudável” (p.66).

Quando uma criança apresenta dificuldades para seguir regras, por exemplo, o terapeuta pode fazer uso de um jogo, inicialmente, com poucas regras e aos poucos, pode inserir outros jogos que apresentem diversas regras. O objetivo que se tem com esse procedimento é o de treinar o desenvolvimento de um repertório comportamental de seguir regras, a partir de uma atividade que é reforçadora para essa criança. Para que alcance esse objetivo, o terapeuta deverá escolher um jogo que atenda ao seu objetivo e que ao mesmo tempo, seja um brinquedo do qual a criança se interesse.

Convém ressaltar ainda, que para o treino ser efetivo, a criança precisará, a princípio, analisar funcionalmente seus comportamentos queixas, com auxílio do

terapeuta. Esse é um processo extremamente necessário para que o tratamento possibilite os resultados esperados.

Há situações em que a queixa está relacionada à timidez da criança, que por sua vez pode ser caracterizada pelos comportamentos de ficar isolada na escola, de sentir dificuldades para falar em público e de fazer amigos, devido à dificuldade de se aproximar das pessoas e de iniciar conversas. Neste caso, em um atendimento individual, com o vínculo já fortalecido, o terapeuta pode utilizar jogos que, aos poucos, estimule a criança a se expor, seja por meio de mímicas ou do relato. O reforço imediato para esses comportamentos é imprescindível. E se durante o jogo, o terapeuta dentro do possível, também se expõe de forma descontraída, ele estará fornecendo um modelo para que o cliente aprenda por observação.

Posteriormente, para otimizar o processo terapêutico, os atendimentos desta criança podem ser em grupo com outras crianças, a fim de facilitar a generalização dos comportamentos modelados, pela utilização de jogos e brincadeiras coletivas que facilitassem a interação entre os participantes.

Um cuidado precisa ser levado em consideração ao propor estratégias lúdicas. Como as queixas são diversas, acrescentado ao fato de que cada criança é única e o que é reforçador para uma, pode não ser para outra, as estratégias são elaboradas ou escolhidas de acordo com a queixa e a história de cada cliente. Na medida em que o terapeuta comportamental infantil realiza os atendimentos com a criança, ele passa a conhecê-la melhor, o que facilitará o processo de escolha de que tipo de estratégia utilizar. Esse fato exemplifica a importância da relação terapêutica estabelecida com o cliente e justifica o interesse, cada vez maior por parte dos terapeutas, em conhecer suas crianças, para então, poderem auxiliá-las na geração de mudanças que lhe sejam favoráveis.

5. PROPOSTAS DE ESTRATÉGIAS LÚDICAS PARA INTERVENÇÃO RELACIONADA AOS SENTIMENTOS.

Diversas estratégias são utilizadas por terapeutas comportamentais infantis a fim de focar e intervir em relação aos sentimentos do cliente no consultório. Entre elas, duas estratégias lúdicas serão citadas neste trabalho como propostas a serem utilizadas com o objetivo em questão.

Neste ponto, convém ressaltar que as estratégias lúdicas que aqui serão descritas são indicadas para os casos em que, após algumas sessões para fortalecer o vínculo

terapeuta-cliente, fique claro a necessidade de realizar uma intervenção relacionada aos sentimentos. Essa necessidade dependerá da análise funcional que o terapeuta organiza a partir dos dados da história de vida do cliente obtidos durante as entrevistas com a criança, com os pais, entre outros profissionais relevantes para o caso.

De acordo com a situação específica do cliente, o terapeuta poderá perceber a necessidade de que outras estratégias sejam também inseridas na terapia a fim de se obter os resultados esperados. Essas duas estratégias que serão descritas, por si só, iniciam um trabalho relacionado aos sentimentos, no entanto, não são suficientes para que as metas terapêuticas sejam alcançadas, em casos que requeiram uma ampliação do repertório comportamental. De qualquer forma, serão citadas por serem opções válidas a serem utilizadas no atendimento às crianças quando o tema em questão é o sentimento.

A primeira estratégia lúdica refere-se à utilização de um livro cujo nome é “Sentimentos - Da tristeza a alegria” (Roca, 2003), a segunda, apresenta um jogo “Os sentimentos em jogo” (Araújo & Menezes, 2006).

5.1 ESTRATÉGIA LÚDICA 1: “SENTIMENTOS - DA TRISTEZA A ALEGRIA”:

No livro, vários sentimentos são mencionados tanto por meio da linguagem escrita, quanto pela apresentação das figuras, entre eles é possível citar, amor, medo, surpresa, ciúmes, vergonha, tristeza, felicidade, etc. O objetivo ao utilizar essa estratégia é fazer uma introdução ao tema dos sentimentos, de forma a explicar para a criança sobre os diversos sentimentos existentes e orientá-la quanto à importância da expressão desses encobertos.

Com esse objetivo, o terapeuta poderá iniciar o seu trabalho com a apresentação do livro “Sentimentos - Da tristeza a alegria” para o cliente e poderá explicar que este livro foi escolhido para que ambos possam conhecer um pouco mais sobre os diversos sentimentos. Juntos, a criança e o terapeuta poderão escolher quem fará a leitura, se um dos dois ou se ambos farão de forma intercalada.

Na medida em que o livro for lido, o terapeuta poderá, a cada sentimento descrito, fornecer explicações à criança sobre o que foi mencionado anteriormente. Essas explicações deverão ser acompanhadas das devidas adaptações do conteúdo do livro à realidade de vida do cliente. Ao utilizar informações sobre a história do cliente quando lhe explica sobre os sentimentos, o terapeuta facilita a compreensão da criança em relação ao tema mencionado. É interessante também, que o terapeuta pergunte à criança quando ela

vivenciou determinado sentimento descrito no livro e que peça a ela para contar como foi que ocorreu. Verifica-se que por meio de uma conversa informal, o cliente poderá ser estimulado a relatar seus sentimentos.

Se o terapeuta julgar necessário, ele poderá inserir outros sentimentos na discussão, que não estejam incluídos no livro, mas, que sejam relevantes na história de vida daquele cliente e significativos para a própria intervenção psicoterápica.

Terminada a leitura, o terapeuta poderá também se disponibilizar para esclarecer dúvidas que a criança tenha em relação ao que foi discutido e com esse propósito poderá perguntar a ela se gostaria de fazer alguma pergunta sobre algo que ela não entendeu, seja referente a algum assunto do livro ou em relação às explicações fornecidas pelo terapeuta durante aquele atendimento.

Por fim, o terapeuta poderá explicar sobre a importância dos sentimentos no dia-a-dia das pessoas, sejam elas adultas ou crianças e que senti-los ou mesmo expressá-los é natural dos seres humanos e todos podem fazê-lo.

5.2 ESTRATÉGIA LÚDICA 2: “OS SENTIMENTOS EM JOGO”:

Esta estratégia foi elaborada pela autora desta monografia, sob a supervisão de Izane Nogueira de Menezes. Um jogo de tabuleiro foi confeccionado durante o estágio realizado na área de psicoterapia comportamental infantil, oferecido pelo Centro de Formação de Psicólogos – CENFOR, do UniCEUB.

Após a utilização do livro, se o terapeuta verificar a necessidade de se aprofundar no tema dos sentimentos com seu cliente, “Os sentimentos em jogo” (Araújo e Menezes, 2006) é uma opção de estratégia lúdica para dar continuidade a esta intervenção. Esta poderá ser utilizada com o objetivo de facilitar o relato da criança sobre esse tipo de encoberto, bem como a fornecer informações sobre os demais indivíduos que fazem parte de sua vida.

Essa forma lúdica de estimular a expressão dos sentimentos pode ser indicada para os atendimentos com crianças que demonstram dificuldades para emitir comportamentos verbais relacionados aos sentimentos. Essa dificuldade pode ser percebida pelo terapeuta, entre outras formas, pela baixa frequência de emissão do relato verbal sobre os sentimentos, ainda que o terapeuta lhe faça perguntas referentes a esse assunto.

A nomeação deste jogo foi escolhida a fim de gerar dois significados. O primeiro, mais comum, explica que o jogo é sobre os sentimentos, o segundo, deixa a informação de

que os sentimentos da criança é um fator que está em jogo na terapia. A seguir será apresentada a descrição das regras do jogo que possibilitarão ao leitor compreender como funciona esta estratégia.

Esse jogo é indicado para dois participantes, terapeuta e criança com idade superior a sete anos. O jogo é composto de um tabuleiro (Anexo 1), um dado com números de um a seis, dois peões e quarenta e duas cartas, sendo nove “Cartas dos sentimentos” (Anexo 2), cuja cor é verde, nove “Cartas das imitações” (Anexo 3), de cor amarela, doze “Cartas das caras e gestos” (Anexo 4), de cor branca e doze “Cartas das Prendas” (Anexo 5), de coloração rosa, uma roleta (Anexo 6) e a ficha com os prêmios listados.

O objetivo do jogo é alcançar o maior número de pontos que serão trocados por prêmios ao final. Para tal, os procedimentos a serem realizados iniciam-se ao dispor os materiais do jogo sobre a mesa. As cartas deverão ser separadas por cores. Em seguida deverão ser embaralhadas, com cada cor em separado e colocadas, todas de mesma cor, em um canto sobre a mesa, com a face das perguntas viradas para baixo. O passo seguinte é decidir quem iniciará a partida. O dado deverá ser lançado pelos participantes, para que dê início ao jogo aquele que tirar o maior número no dado.

O jogador que iniciará a partida deverá lançar o dado novamente para saber o número de casas que o seu peão irá avançar. Assim, correrá com o peão sobre o caminho traçado no tabuleiro de acordo com o número que o dado apresentar. Ao parar numa casa, deverá procurar o conjunto de cartas que tem o mesmo desenho da casa em que seu peão parou. Pegará então uma carta correspondente e realizará o que a carta solicitar.

A carta que possui uma interrogação significa que o participante deverá pegar uma carta dos sentimentos e respondê-la. Se por outro lado, tiver uma exclamação, o jogador utilizará uma carta das imitações. Quando há o desenho de duas máscaras, então se utiliza a carta das caras e gestos. Já para a carta com o desenho do coelho que faz malabarismo, a orientação é para pegar uma das cartas das prendas para realizá-la (Anexo 7). Se o jogador cair na casa em que a orientação é voltar uma casa, deverá realizar o que for requisitado pela casa para a qual retornou e nela permanecerá até a próxima rodada.

Depois que o jogador realizar o que for solicitado em qualquer uma das casas, ele terá direito a rodar a roleta. A seta que contém na roleta, indicará o número de pontos que o jogador alcançará naquela partida (Anexo 6). Os pontos deverão ser anotados em um papel, para que ao final do jogo eles sejam somados.

Depois que os pontos forem anotados, o próximo participante fará a sua jogada e procederá da mesma forma que o primeiro jogador. A partida segue dessa maneira, até que um dos jogadores chegue primeiro ao fim do jogo. Nesta situação, o jogador que primeiro finalizar o jogo, ganhará 15 pontos, momento em que encerrarão as partidas. Restará apenas somar os pontos de cada participante e verificar os prêmios que cada um poderá obter com os pontos acumulados durante o jogo.

O jogo funciona dessa forma, sendo que as suas partes foram elaboradas com alguns propósitos que convém mencionar neste momento. As cartas foram elaboradas cada qual, com um objetivo específico. Nas “Cartas dos sentimentos”, o participante do jogo deverá relatar como se sentiu em determinada situação (Anexo 2). Neste caso, buscase estimular que o cliente pense sobre os momentos em que vivenciou determinados sentimentos, relate sobre o que sentiu e com isso, possibilite, também, que o terapeuta conheça essas informações.

Nas “cartas das imitações” é solicitado que o jogador busque situações em que viu outras pessoas expressarem determinados sentimentos e que imite essas pessoas (Anexo 3). Essas cartas são utilizadas no sentido de auxiliar a criança a reconhecer os diversos sentimentos que os outros indivíduos demonstram no seu dia-a-dia. O fato de imitar outros indivíduos facilita também para o terapeuta, pois a partir disso, ele poderá compreender melhor o contexto no qual a criança está inserida e como as pessoas tem se comportado diante dela.

Nas “cartas das caras e gestos”, o participante é orientado a fazer caras e gestos que representem os diversos sentimentos, ou do próprio participante ou de outros indivíduos (Anexo 4). O objetivo dessas cartas é estimular que comportamentos encobertos se tornem manifestos, ou seja, que a criança tenha a possibilidade de expressar os sentimentos por meio de caras e gestos.

Por fim, as “Cartas das prendas” solicitam que os participantes do jogo realizem prendas, que incluem respostas a perguntas, atividades, imitações de animais, entre outros (Anexo 5). Estas cartas foram elaboradas a fim de tornar o jogo dinâmico e divertido para a criança, o que contribui para facilitar o seu relato verbal.

A casa de quadrinho preto e com a seta no meio, possui, como já mencionado, o comando para voltar uma casa e foi utilizada com a finalidade de tornar o jogo mais dinâmico e divertido.

A roleta foi uma forma encontrada de tornar o reforço mais imediato, pois, se este ocorresse só ao final do jogo, o comportamento de participar com interesse, poderia

diminuir de frequência (Anexo 6). Assim, caso o jogador realize o que foi solicitado pela carta, naquela rodada, ele poderá rodar a roleta e acumular os pontos que serão trocados por prêmios. É relevante que os prêmios sejam escolhidos levando em consideração os estímulos que são reforçadores para criança. Esse aspecto explica o fato de que a lista de reforçadores não é única para todas as crianças, por outro lado, ela será elaborada para cada cliente, de acordo com o que a criança gosta.

Antes do jogo, o terapeuta deverá elaborar a lista de prêmios que estará disponível, durante todo o jogo, com as devidas pontuações atribuídas pelo próprio terapeuta e que indicarão os pontos necessários para se comprar cada prêmio. No final do jogo, tanto a criança quanto o terapeuta trocam seus pontos pelos prêmios. Como o terapeuta também poderá adquirir prêmios, convém que ele insira na lista o que é relevante para ele, como por exemplo, a possibilidade de fazer uma pergunta, de escolher uma atividade para o próximo atendimento, pedir para que a outra pessoa lhe conte algo que ainda não revelou sobre si mesmo, entre outros.

5.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS ESTRATÉGIAS LÚDICAS:

Como visto anteriormente, a expressão dos comportamentos encobertos é relevante para a realização da análise funcional e para o tratamento como um todo. Esses fatores explicam os motivos pelos quais os terapeutas comportamentais infantis têm por objetivo fornecer estímulos para a emissão de respostas verbais de eventos privados. De forma específica cada estratégia tem sua contribuição frente a esse propósito.

A utilização do livro é importante, porque com as informações que ele possui, acrescidas dos comentários e explicações do terapeuta, o cliente poderá compreender melhor sobre o assunto. Este é um passo relevante não só para esclarecer sobre os diversos sentimentos, como também é uma forma de começar a incentivar a criança a emitir relatos verbais sobre os seus encobertos.

Durante o jogo de tabuleiro, o terapeuta deverá imitar outros indivíduos conhecidos ou não pela criança, ele fará caras e gestos e deverá relatar sobre alguns dos seus sentimentos, sem com isso, citar situações que possam lhe expor durante o jogo. Ao observar seu terapeuta agir dessa forma, a criança poderá aprender, por observação, a se expressar com maior facilidade, sem repressões ou punições.

Juntas, as estratégias lúdicas e as explicações do terapeuta poderão ser utilizadas a fim de facilitar a expressão dos sentimentos, conforme mencionado e antes de tudo, levá-

la a refletir sobre as conseqüências de seus comportamentos nos vários contextos de sua vida. Outra vantagem do jogo é possibilitar ao terapeuta o acesso a informações que de outro modo não foi possível obter em um contexto de atendimento infantil, sobre qual deve se considerar as dificuldades, em especial das crianças, de emitirem os comportamentos privados.

De acordo com o caso em específico, o terapeuta também poderá inserir ou adaptar esse instrumento e outras estratégias conforme for necessário. Neste ponto, é notório perceber, mais uma vez, que os indivíduos são únicos, até porque o contexto de vida de uma criança é diferente em relação às demais. Este aspecto possibilita compreender que o terapeuta terá sempre em seu consultório o desafio de adaptar seus conhecimentos e procedimentos para atender a cada indivíduo de maneira particular e única, a fim de obter o sucesso em seus atendimentos e qualidade de vida de seus clientes.

6. OS RESULTADOS OBTIDOS AO SE TRABALHAR COM OS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS EM PSICOTERAPIA.

O trabalho desenvolvido por um terapeuta, por meio de atividades lúdicas, realizado com o intuito de auxiliar a criança na expressão de seus sentimentos é, em geral, importante para favorecer o alcance das metas psicoterápicas. Os sentimentos são tão significativos para a espécie humana, que não foi por acaso que Skinner inseriu o sentir como objeto de estudo do behaviorismo radical. “Sentir e descrever o que sentimos são certamente comportamentos universais, ocorrendo em todas as culturas através dos tempos” (Meyer, 2001, p. 184). O aspecto de caráter universal dos sentimentos fornece indícios de que mesmo em culturas diferentes, o sentir é relevante para manter a existência da espécie humana, caso contrário, ele não se manteria de geração em geração em todos os povos.

O enfoque terapêutico em relação aos encobertos se justifica por este aspecto citado, mas não só por ele. Quando o terapeuta utiliza estratégias lúdicas no atendimento às crianças, com o objetivo de facilitar o processo de expressão dos sentimentos, ele procede assim, por perceber tanto as dificuldades descritas anteriormente, quanto às vantagens para o cliente desse tipo de intervenção. No capítulo anterior, explicações foram fornecidas em relação aos possíveis resultados referentes à utilização das estratégias lúdicas descritas. Este capítulo, por sua vez, apresentará uma síntese dos possíveis resultados alcançados com a utilização daquelas estratégias aliadas a outras, visto que o

trabalho referente aos sentimentos, em muitos casos, exige que várias sessões sejam realizadas em torno do mesmo tema. Nessas sessões, diversos recursos são utilizados até que se alcance os resultados que serão mencionados neste momento.

Feita essa ressalva, pode-se dizer que ao ser orientado pelo terapeuta a expressar seus sentimentos, o cliente tem a possibilidade de entrar em contato com os seus encobertos, ou seja, poderá desenvolver comportamentos de observar, pensar e realizar relatos referentes aos seus sentimentos. Esses comportamentos serão inovadores frente às esquivas que comumente as crianças apresentam em consultório a fim de evitar determinados sentimentos.

Será possível ainda, que ao ser estimulado pelo terapeuta por meio de perguntas ou outras atividades propostas, o cliente entre em contato com as contingências ambientais que controlam a ocorrência de seus sentimentos, visto que essas perguntas funcionam com estímulos discriminativos para esse comportamento da criança de entrar em contato com as variáveis ambientais. Isso pode levar o cliente a relatá-las nos atendimentos, ainda que seja durante alguma brincadeira proposta em terapia. Essas contingências relatadas tornam-se então alvo de discussões em terapia.

Acrescido a isso, tem o fato de que ao entrar em contato com as variáveis ambientais que mantêm os seus comportamentos, seus sentimentos podem ser evocados dentro do consultório. Quando a criança se comporta com o seu terapeuta da forma como faz com outras pessoas, o ambiente terapêutico tornar-se favorável para que o terapeuta comportamental infantil tenha acesso a várias informações, bem como ao repertório típico utilizado pelo cliente para lidar com as diversas situações.

Neste ponto, o terapeuta não só tem acesso a estas respostas, como pode intervir no momento em que as respostas ocorrem (Köhlenberg, 1987, citado por Meyer, 2001). É notório enfatizar que não basta que o terapeuta facilite a expressão de sentimentos, esse é apenas um passo do processo terapêutico. Ele precisará também realizar intervenções diante dos sentimentos manifestos, visto que apenas expressar sentimentos, em muitos casos, não é suficiente para que o cliente aprenda a lidar com as situações de sua vida.

Essa intervenção pode ocorrer, por exemplo, no caso da criança já mencionada neste trabalho, que possui dificuldade para seguir regras, especialmente, quando se encontra em uma condição desfavorável. Numa situação em que o terapeuta escolhe um jogo com diversas regras e a criança começa a perder para o seu adversário do jogo, ela inicia comportamentos que juntos caracterizam a tentativa de burlar as regras. Se o terapeuta a impede de proceder desta maneira, ela poderá ficar com raiva, sentimento que

pode ser demonstrado a partir do rubor de sua face, do relato verbal marcado por questionamentos, descritos de forma rápida e com o tom de voz mais alto. Por fim, a criança poderá abandonar o jogo e dizer que não quer mais brincar.

Ao verificar que era oportuno intervir naquele momento, o terapeuta poderá explicar a criança que entende o sentimento de raiva pelo qual ela está passando naquele momento. Isso é compreensível, porque há momentos da nossa vida em que nos sentimos assim, quando os resultados que esperávamos alcançar não são alcançados. Só que desistir do jogo não é a melhor saída, nem é a melhor maneira de lidar com as situações desagradáveis.

Para que a criança reflita sobre os antecedentes e sobre as conseqüências dos seus comportamentos e compreenda como os outros se sentem quando ela age assim, ou seja, para que a criança faça a análise funcional do seu comportamento, o terapeuta poderá lhe fazer algumas destas perguntas: O que aconteceu que você quer desistir do jogo? Quando você age assim? O que acontece quando você desiste do jogo em situações em que está perdendo? O que você sentiu quando certa vez um amigo desistiu de brincar com você porque estava perdendo no jogo? E depois como você o tratou pelo fato dele ter agido assim? Você gostaria que eu o tratasse hoje, da mesma forma como tratou seu amigo naquele dia? E se eu tivesse desistido do jogo na sessão passada, quando você estava ganhando, como seria para você? O que eu poderia fazer ao invés de desistir?

Ao fazer perguntas para criança, como as citadas anteriormente ou outras realizadas por meio de atividades lúdicas, o terapeuta a ensina a observar o mundo no qual está inserida e depois poderá ensiná-la a se auto-observar. À medida que a criança faz observações em relação a ela e aos outros, ela compreende melhor as variáveis das quais o seu comportamento é função, ou seja, realiza a análise funcional. Essa análise poderá levá-la a verificar a necessidade de mudança, a partir da avaliação que fará das conseqüências que o seu comportamento de não seguir regras tem para sua vida.

O comportamento de pensar sobre o que o terapeuta lhe pergunta e o de relatar verbalmente os sentimentos vivenciados são importantes não apenas para informar o terapeuta sobre a história do cliente, como também é fundamental para que a criança discrimine as contingências que controlam o seu próprio comportamento. Esse procedimento permite que ambos compreendam melhor o que mantém determinados comportamentos.

A partir dessas informações, verifica-se o papel do terapeuta em “criar condições para que o cliente se torne um observador mais acurado de seu próprio comportamento”

(Delitti & Meyer, 1998, p. 273). A observação do ambiente a sua volta e de si mesma gera compreensão sobre os antecedentes e conseqüentes de seus comportamentos e, por sua vez, possibilita que o cliente chegue ao autoconhecimento (Delitti & Meyer, 1998).

O autoconhecimento é alcançado em terapia quando o cliente mostra-se mais “consciente de si mesmo” (Skinner, 1989, citado por Meyer, 2001, p. 186). Se a criança torna-se conhecedora de si mesma e das variáveis que influenciam o seu comportamento, ela consegue prever seus próprios comportamentos. Adquire, com isso, tal autonomia que passa a atuar sobre a ocorrência de seus comportamentos, de forma a controlá-los e a modificá-los, de acordo com a análise que ela mesma faz das conseqüências das respostas que emite (Skinner, 1989, citado por Meyer, 2001). Baseada na compreensão dessas conseqüências e no auxílio do terapeuta, ela poderá ampliar seu repertório comportamental, de forma a apresentar respostas que sejam mais adaptativas e favoráveis para si e para os outros indivíduos.

Esses são alguns dos resultados obtidos no trabalho realizado por um terapeuta comportamental que tornam relevantes as intervenções psicoterápicas que visam estimular a expressão dos sentimentos das crianças. Além da importância dos encobertos, o enfoque sobre eles permite que muitos outros aspectos sejam considerados em consultório. A partir da atenção destinada aos sentimentos das crianças é possível alcançar valiosas metas terapêuticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos aspectos desenvolvidos anteriormente, foi possível verificar a importância dos sentimentos em diversos casos de atendimentos clínicos. Os sentimentos, por serem comportamentos, precisam compor a análise funcional elaborada pelo terapeuta a fim de que o tratamento seja bem sucedido.

As informações fornecidas ao longo desse trabalho possibilitam compreender que muito pode ser feito pelo terapeuta em relação aos sentimentos do cliente. Em consultório, com a análise funcional realizada ele poderá intervir de diversas formas, entre elas, pela reformulação de conceitos relacionados aos sentimentos. Conforme explicado anteriormente, essa reformulação é, muitas vezes, significativa haja vista a ineficácia do treino discriminativo realizado pela comunidade verbal e que poderá ser aperfeiçoado nos atendimentos clínicos. Em outras intervenções, os terapeutas podem ter por objetivo estimular a expressão dos sentimentos pela criança frente as constantes repressões à que são submetidas pela maioria dos adultos que as rodeiam (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Esses foram alguns dos exemplos de intervenções que foram esclarecidas neste trabalho, no qual foi possível perceber a relevância das estratégias lúdicas enquanto um facilitador no atendimento com crianças, em virtude das dificuldades que elas vivenciam para expressarem os seus encobertos (Conte & Regra, 2000). Duas estratégias foram citadas que servem como uma forma de ilustrar os diversos recursos que podem ser utilizados nesta área infantil.

A partir das explicações discorridas anteriormente, pode-se constatar que essas estratégias descritas, acrescidas por outras a serem aplicadas podem resultar em avanços para o processo terapêutico (Delitti & Meyer, 1998). Esses resultados que são obtidos, de forma geral, pelos terapeutas que se propõem a realizarem um trabalho cujo foco é sobre os sentimentos do cliente, explicam a atenção que os profissionais da Psicologia têm disponibilizado a este tema.

Em virtude das explicações destacadas, que são relacionadas às diversas facetas envolvidas no tema dos sentimentos, verifica-se a relevância desse trabalho para os profissionais, em especial, da área da Psicologia, mas que pode ser estendida aos outros indivíduos que tenham interesse pela questão dos sentimentos e que lidem com crianças em seu dia-a-dia. Já para os terapeutas comportamentais infantis, o conteúdo aqui descrito pode contribuir como uma fonte literária para orientá-los, com conhecimentos referentes aos

encobertos, bem como ao fornecer informações que poderão subsidiar a atuação desses profissionais, em função das estratégias descritas e da teoria abordada.

Convém destacar, que como todo trabalho científico, este se propõe a ser apenas um dos meios, mas não o fim das discussões referentes aos sentimentos e, portanto, novas idéias e comentários sobre esses assuntos e até mesmo, o questionamento ao que foi discutido aqui são bem vindos para o avanço dos conhecimentos na área. Esse tipo de contribuição gera enriquecimento, visto que é necessária numa ciência que se propõe a inovar e desenvolver-se cada dia mais. Sugestões são bem aceitas tanto em relação à teoria, quanto ao próprio aperfeiçoamento das estratégias, seja na forma de aplicá-las, seja na própria estrutura que possuem.

Por fim, fica o incentivo para que novos estudos sejam realizados na área, a fim de que nos próximos anos os atendimentos de consultório se prestem a fornecer um trabalho ainda melhor para aqueles que depositam a confiança nas capacidades do profissional da psicologia. Estudos, que se aprofundados cada vez mais, possibilitarão um suporte aos terapeutas frente à tarefa que eles possuem de auxiliarem suas crianças no processo de desenvolvimento da qualidade de vida e bem estar delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

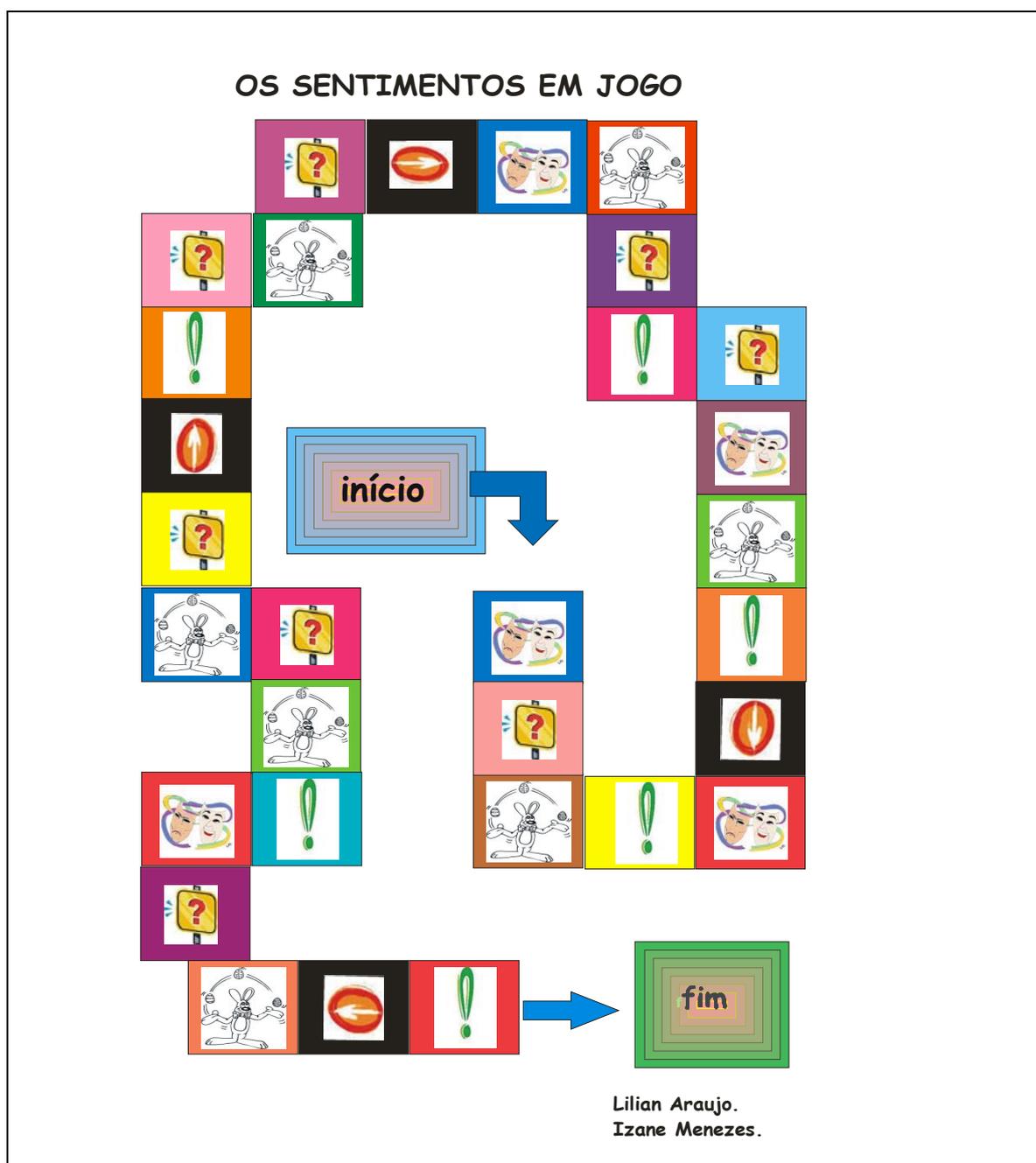
- Baum, W. M. (1999). Compreender o behaviorismo: Ciência, comportamento e Cultura (trads. M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1994).
- Conte, F. C. S. & Regra, J. A. G. (2000). A psicoterapia comportamental infantil: Novos aspectos. Em E. F. M. Silveiras (Org.), Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil (pp. 79-138). Campinas, SP: Papyrus.
- Delitti, M. & Meyer S. B. (1998). O uso dos encobertos na prática da terapia comportamental. Em B. Rangé (Org.), Psicoterapia comportamental e cognitiva de transtornos psiquiátricos. (pp. 269-274). Campinas, SP: Editorial Psy.
- Delitti, M. (2001). A análise funcional: O comportamento do cliente como foco da análise funcional. Em Delitti (Org.), Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento da terapia cognitivo-comportamental (Vol. 2, pp. 35-42). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- De Rose, J. C. (1993). Classes de estímulos: Implicações para uma análise comportamental da cognição. Psicologia: Teoria e pesquisa, 9(2), 283-303.
- Gadelha, Y. A. & Menezes, I. N. (2004). Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental. Universitas: Ciências da saúde, 2(1), 57-68.
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. Em M.Z.S. Brandão, F. C. S. Conte & S. M. B. Mezzarda (Orgs.), Comportamento humano: Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor. (pp.63-98). Santo André, SP: ESETec Editores.
- Guilhardi, H. J. (2004). Considerações sobre o papel do terapeuta ao lidar com os sentimentos do cliente. Em M. Z. S. Brandão (Org.), Sobre comportamento e cognição: Contingências e metacontingências, contextos sócio - verbais e o comportamento do terapeuta (Vol. 13, pp. 229-249). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1991). O papel das emoções e lembranças na mudança do comportamento. Em Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas (pp. 75-103). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Meyer, S. B. (2001). Sentimentos e emoções no processo clínico. Em M Deletti (Org.), Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitiva comportamental (Vol. 2, pp. 183-189). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Millenson, J. R. (1967). Comportamento emocional. Em Princípios de análise do comportamento. (pp. 405-437). Brasília: Editora de Brasília.
- Moura, C. B. & Azevedo, M. R. Z. S. (2000). Estratégias lúdicas para uso em terapia comportamental infantil. Em R. C. Wielenska (Org), Sobre comportamento e cognição: Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos (Vol. 6, pp. 170-177).
- Roca, N. (2003). Sentimentos – da tristeza à alegria. São Paulo: Editora Caramelo.
- Sério, T. M. A. P. & Andery, M. A. (2002). Comportamento verbal. Em T. M. A. P. Sério, M. A. Andery, P. S. Gioia & N. Micheletto (Org.), Controle de estímulos e comportamento operante: Uma nova introdução. (pp.113-138). São Paulo: EDUC.
- Skinner, B. F. (1991). O lugar dos sentimentos na análise do comportamento. Em Questões recentes na análise comportamental (pp. 13-24), (trad. A. L. Néri). Campinas, SP: Papirus. (Trabalho original publicado em 1904-1990).
- Skinner, B. F. (1998). Eventos privados em uma ciência natural. Em Ciência e comportamento humano. (pp. 281-309), (Trads. J.C.Todorov & R. Azzi). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Tourinho, E. Z. (2001). Eventos privados: o que, como e por que estudar. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Org.), Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva da reflexão teórica à diversidade da aplicação (Vol. 4, pp. 13-24). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.

Tunes, E. & Tunes, G. (2001). O adulto, a criança e a brincadeira. Em aberto, 18 (73), 77-88.

ANEXOS

ANEXO 1 – O TABULEIRO DO JOGO: “OS SENTIMENTOS EM JOGO”.



ANEXO 2 – “CARTAS DOS SENTIMENTOS”:

- 1) Essa é a casa da vergonha! Chii!! Lembra aquela vez que você ficou com vergonha? Conte como foi.
- 2) Que lindo! Você chegou à casa do amor! Lembre-se de alguém que você ama. Conte o que esta pessoa tem de especial. Mas quando sair dessa casa, não esqueça de levar o amor com você.
- 3) Você entrou na casa da raiva! Conte como foi o dia em que você sentiu muita raiva.
- 4) Essa é a casa da ansiedade! Conte uma estória de um dia em que ficou ansioso (a).
- 5) Imagine só, essa é a casa do ciúme. Conte uma estória de um dia em que você sentiu ciúmes.
- 6) Essa é a casa do medo! Uhh!! Mas não sai correndo, fique e conte sobre a vez em que você sentiu muito medo.
- 7) Advinha? Surpresa!! Agora que já sabe, conte uma estória do dia em que ficou surpresa.
- 8) Essa é a casa das tristezas! Lembre-se de quando ficou muito triste e conte como foi. Falar sobre isso pode te deixar melhor!
- 9) Sorria! Você chegou à casa das alegrias! Conte a estória de uma vez em que ficou muito alegre e se divirta!

ANEXO 3 – “CARTAS DAS IMITAÇÕES”:

- 1) Essa é a casa dos medos! Uhh!! Quando foi que você viu uma pessoa com medo? Imita como ela estava.
- 2) Pintou ciúmes no ar! Lembre-se de quando viu uma pessoa com ciúmes e imita o que esta pessoa fez quando se sentiu assim.
- 3) Não esperava? Pois é, você chegou à casa da surpresa! Imita uma pessoa que certo dia ficou muito surpresa com algo.
- 4) Nossa! Que ansiedade! Imita como ficou alguém que você conhece quando ficou ansiosa.
- 5) Essa é a casa da alegria! Lembre-se de alguém que estava alegre e imita como esta pessoa estava.
- 6) Cuidado você caiu na casa da raiva! Lembre-se de alguém que certo dia estava com muita raiva e imita esta pessoa.
- 7) Nesta casa tem vergonha no ar! Imita como estava alguém que você viu que passou vergonha.
- 8) O amor chegou, chegou para ficar! Você sabe de alguém que ama outra pessoa. Imita o que esta pessoa fez para mostrar este amor.
- 9) Você chegou à casa das tristezas! Lembre-se de quando viu alguém muito triste e imita essa pessoa.

ANEXO 4 – “CARTAS DAS CARAS E GESTOS”:

- 1) Perdi a minha bola, com que cara fiquei?
- 2) Mostre como é a cara de quem está com medo.
- 3) O Brasil ganhou o hexa, com que cara fiquei?
- 4) Imagine que você está com raiva. Faça a cara e o gesto de quem está com raiva.
- 5) Meu colega brigou comigo, com que cara fiquei?
- 6) Quebrei um copo, com que cara fiquei?
- 7) Ganhei um bolo gostoso, que cara e gestos eu fiz?
- 8) Ficou surpreso (a)?! Faça a cara de quem está surpreso (a).
- 9) Agora você é um (a) ator/atriz. E deverá agir como se estivesse ansioso.
- 10) Ganhei um presente que eu queria muito, que caras e gestos eu fiz?
- 11) O teatro vai começar! E você fará papel de alguém que está muito triste. Mostre as caras e gestos para fazer o papel dessa pessoa.
- 12) Agora é só alegria! Faça a cara de quem está muito alegre.

ANEXO 5 – “CARTAS DAS PRENDAS”:

- 1) Imitar um galo.
- 2) Contar uma pequena história utilizando os fantoches.
- 3) Cantar uma parte de uma música.
- 4) Pular corda o máximo que puder.
- 5) Fazer uma careta bem engraçada.
- 6) Em dez segundos encontrar um objeto de cor preta na sala, pegá-lo e trazê-lo até a mesa.
- 7) Falar o nome de três personagens da turma da Mônica (tirando a Mônica).
- 8) Falar o nome de três países.
- 9) Imitar um cachorro.
- 10) Contar uma piada.
- 11) Imitar um macaco.
- 12) Dizer três nomes de jogadores de futebol que você conhece.

ANEXO 6 – A ROLETA



ANEXO 7 - As casas do tabuleiro do jogo “Os sentimentos em jogo”.

Para cada casa do tabuleiro terá uma carta a ser utilizada, conforme orientado a seguir:



O jogador deverá utilizar uma das Cartas das imitações.



Volte uma casa.



O jogador deverá realizar uma Prenda



O jogador deverá utilizar uma das Cartas dos sentimentos



O jogador deverá utilizar uma das Cartas das caras e gestos

